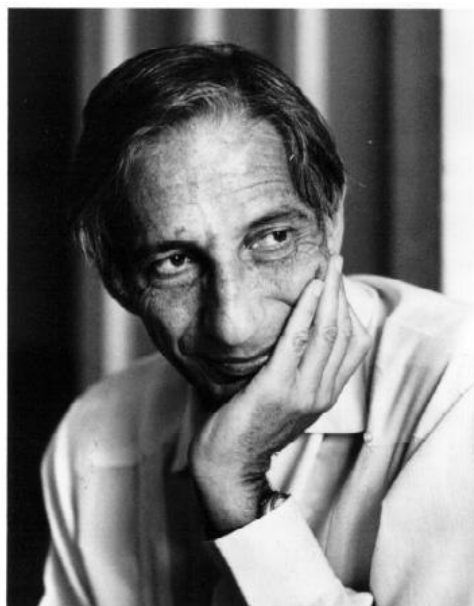


IVAN ILLICH, PENSADOR RADICAL E INOVADOR

Ivan Illich, pensador rebelde, segundo o *Le Monde*, precursor do movimento antiglobalização, segundo o jornal italiano *Il Corriere della Sera*, morreu no dia 2 de dezembro, segunda-feira. "Provocador, lúcido, implacável crítico da sociedade industrial - escreve o *Le Monde*, 4-12-02 - Ivan Illich foi, nos anos 1970, o porta-voz entendido e brilhante de uma crítica não-marxista das instituições que fundamentam a economia contemporânea: a escola, a saúde, o desenvolvimento, o consumo de energia têm sido os temas de um discurso poderoso e que deu à ecologia uma base teórica sólida".

Publicamos, neste número, um rápido histórico de sua vida, uma breve análise das suas grandes intuições, destacando especialmente os seus livros sobre educação, que originaram o famoso embate dele com Paulo Freire, sobre a medicalização da sociedade, especialmente o seu livro *A expropriação da saúde. Nêmesis da medicina* e, por fim, o seu livro *A convivencialidade*, do qual publicamos alguns extratos. Entre os brasileiros que freqüentaram o CIDOC de Cuernavaca no México, além de Paulo Freire, estava Luiz Alberto Gómez de Souza, atualmente diretor do Ceris no Rio de Janeiro. A entrevista que nos concedeu juntamente com o



depoimento de Jurandir Freire Costa, ainda em 1999, dão um perfil da importância e do significado da atuação e do pensamento radical de Ivan Illich. Não é por nada que a editora francesa Fayard está editando, para sair em 2003, em dois volumes, a obra completa de Ivan Illich. Antes de tomarmos conhecimento da morte de Ivan Illich, já estávamos preparando os textos sobre a transdisciplinaridade, aproveitando a passagem

no nosso meio do prof. Dr. Ivan Domingues e do prof. Dr. Alfredo Gontijo, da UFMG. Ivan Illich tem muito a ver com esse tema. Indicativo disso são as referências a Ivan Illich nos trabalhos de diversos autores que refletem sobre o tema da transdisciplinaridade e temas afins. Que o pensamento de Ivan Illich nos ajude a sermos radicais e inovadores em pensar os grandes problemas da sociedade, hoje, na sua complexidade. Tendo presente o dia 10 de dezembro, com este número do *IHU On-Line* evocamos e celebramos o aniversário da proclamação universal dos direitos humanos.

Uma boa leitura a todos e todas!

IVAN ÍLLICH - UMA BREVE BIOGRAFIA

Ivan Illich, 76 anos, faleceu no dia 2 de dezembro de 2002, segunda-feira, em Bremen, na Alemanha. Ivan Illich, padre, teólogo, sociólogo, histórico heterodoxo, pensador radical, é considerado, juntamente com Marcuse, Fromm e outros expoentes da Escola de Frankfurt, como um precursor do movimento antiglobalização. Ivan Illich morreu acometido de um câncer que se recusou a tratar.

Ivan Illich nasceu em Viena, no dia 4 de setembro de 1926. Viveu com seu avô até 1941, sempre em Viena. Neste ano, foi considerado pelas leis nazistas como meio-judeu. Assim, aos 15 anos, chegou fugitivo na Itália, onde passou o resto da sua juventude, radicado em Florença e Roma. Estudou ciências naturais, especializando-se em química inorgânica na Universidade de Florença(1942-45) e na Universidade de Roma (1945-1947).

De 1944 a 1947, estudou apaixonadamente Filosofia, obtendo a menção *summa cum laude*, e de 1947 a 1951, Teologia (*cum laudem*) na Universidade Gregoriana, de Roma. Nesta época descobriu e lhe impactou o estudo de Jacques Maritain. Posteriormente obteve o doutorado em História (*magna cum laude*) na Universidade de Salzbug. Sua tese versou sobre as dependências filosóficas e metodológicas de Arnold Toynbee. Pouco depois iniciou, na Universidade de Princeton, um pós-doutorado sobre o macro-microcosmos em Alberto Magno e seus discípulos.

No início da década de 1950, já ordenado padre católico, foi convidado para seguir a carreira diplomática no Vaticano.

Em 1951, foi para os Estados Unidos como padre trabalhar numa paróquia, em Nova Iorque. Em Manhattan, dirigiu um centro onde eram atendidos os imigrantes de Porto Rico. Lutou ardorosamente na defesa dos porto-riquenhos que eram desprezados pelos imigrantes italianos, irlandeses e judeus. Ele desafiou a todos, aceitando como seus paroquianos estes imigrantes. Para Illich esta luta terminou quando, em 1956, o cardeal de Nova Iorque, em presença de trinta mil porto-riquenhos, reunidos na Universidade de Fordham, festejaram o santo padroeiro de Porto Rico, São João.

Em 1956, foi enviado a Porto Rico como vice-reitor da Universidade Católica de Ponce. Sua principal tarefa consistia em ensinar os religiosos dos EUA e Canadá a falar castelhano e se aproximar da cultura hispânica.

Em 1960, discordou publicamente do bispo local, que condenou o governador local, pois o último se declarara a favor de uma política de controle da natalidade auspiciada pelo Estado.

Saindo de Porto Rico, Illich foi convidado a trabalhar na Universidade de Fordham, em Nova Iorque. Nesta universidade jesuíta, ele fundou o Centro de Formação Intercultural - CIF enquanto trabalhava como pesquisador e professor do Departamento de Sociologia. O CIF tinha o objetivo de capacitar os missionários norte-americanos, não somente a

falar o espanhol, mas a entender e respeitar as culturas dos países latino-americanos.

Em 1961, Illich decidiu se mudar para Cuernavaca no México, onde, juntamente com outras pessoas, fundou o Centro Intercultural de Documentação – CIDOC. Neste centro, se discutia apaixonadamente sobre a missão da Igreja na América Latina. A Illich lhe parecia evidente que a aliança ente a Igreja e o nascente culto do desenvolvimento era uma arapuca. Vivia-se o tempo da “Aliança para o Progresso”, proposta do governo norte-americano para a América Latina.

Para ele, o próprio desenvolvimento era uma calamidade. Uma calamidade que provocava males a milhões de pessoas. Assim o CIDOC se transformou num espaço importante para as discussões a respeito da América Latina e o desenvolvimento. Erich Fromm, Peter Berger, Paulo Freire, o bispo Sérgio Méndez Arceo eram, entre outras, personalidades que freqüentavam periodicamente o centro. Em 1974, Boaventura de Souza Santos coordenou, no CIDOC, o seminário sobre Direito e Revolução Social.

Destas discussões surgiu a publicação dos Cadernos do CIDOC. De maneira ágil e independente, os cadernos suscitavam debates e seminários que se espraiavam pela América Latina. Muitos destes cadernos se transformaram em livros que marcaram a década de 1970: *A sociedade sem escola*, *A convivencialidade*, *Energia e eqüidade*, *Desemprego criador*, etc. Nesta época, Illich passou a criticar severamente a Igreja Católica. Numa conferência, comparou a Igreja à Ford Motor Company, acusando-a de não ser mais que uma outra burocracia que promovia o veneno chamado modernidade ou desenvolvimento.

Em 1967, a Igreja censurou publicamente o CIDOC. Illich decidiu deixar o sacerdócio. O CIDOC se manteve até 1976 quando Illich, voluntariamente, decidiu fechá-lo. Pois, todas as pessoas que freqüentavam o centro, voltando para os países latino-americanos de origem, eram presos, fichados, perseguidos. Freqüentar o CIDOC tornara-se perigoso.

É da época do CIDOC a realização dos famosos e acalorados debates entre Paulo Freire e Ivan Illich sobre educação, escolarização e conscientização.

Os famosos textos, *A escola, esta velha e gorda vaca sagrada: na América Latina ela abre um abismo de classes e prepara uma elite e com ela o fascismo*, de 1968 e *En América Latina, para qué sirve la escuela?*, de 1973, originam o importante livro *A Sociedade sem escola*, primeiramente publicado em inglês e, em 1973, em espanhol. Para Illich era necessário desescolarizar, não somente as instituições do saber, mas também a sociedade.

Outras obras importantes de Illich são *La convivencialidad*, 1974; *Energia y equidad Desempleo creador*, 1974; *Némesis Médica: la expropiación de la salud*, de 1975. Sobre este último livro, no *British Medical Journal*, de 13-4-2002, o seu diretor, Richard Smith, conta que o mais próximo de uma experiência religiosa que teve em sua vida foi quando ouviu, recém-formado, em 1976, Ivan Illich expor suas radicais idéias sobre saúde e medicina, rodeado dos “fósseis da hierarquia

acadêmica de Edimburgo". Illich argumentava, então, que a "a maior ameaça para a saúde no mundo era a medicina moderna". Para Richard Smith, *Nêmesis médica: a expropriação da saúde* é um clássico da medicina. Neste livro, Illich alerta sobre as três modalidades de iatrogenia médica: a clínica (o dano provocado pelos tratamentos), a social (resultante da medicalização de muitos aspectos da vida, como o nascimento, o sexo ou a morte) e o cultural, o mais perverso, porque destrói as vias tradicionais de enfrentar a dor e a doença. Que o *establishment* médico comungue agora com Illich indica que, 26 anos depois, algo se move na medicina, afirma o diretor do *British Medical Journal*.

No Brasil, este livro de Ivan Illich foi analisado pela tese de doutorado *A Saúde pelo Averso - Uma Reinterpretação de Ivan Illich, o Profeta da Autonomia*, IMS/UERJ (Instituto de Medicina Social da Universidade Estadual do Rio de Janeiro), 1998, de Roberto Passos Nogueira.

Ivan Illich - A convivencialidade

Bibliografia: ILLICH, Ivan, *A convivencialidade*; tradução de Arsénio Mota. Lisboa: Publicações Europa - América, 1976. 137p. Original inglês: *Tools for Conviviality*, 1973.
Reproduzimos, a seguir, extratos do livro publicado em Portugal, com a grafia de lá. 'Este livro - escreve o *Le Monde*, 4-2-02 - é de uma atualidade espantosa".

A RECONSTRUÇÃO CONVIVENCIAL

A ferramenta e a crise

"Os sintomas de uma progressivamente acelerada crise planetária são evidentes. Por todos os lados se procurou o porquê. Antecipo, por meu lado, a seguinte explicação: a crise radica no malogro da empresa moderna, isto é, na substituição do homem pela máquina. O grande projecto metamorfoseou-se num implacável processo de servidão para o produtor e de intoxicação para o consumidor.

O domínio do homem sobre a ferramenta foi substituído pelo domínio da ferramenta sobre o homem. É aqui que se torna necessário reconhecer o malogro. Há já uma centena de anos que tentamos pôr a trabalhar a máquina para o homem e educar o homem a servir a máquina. Descobre-se agora que a máquina não "anda" e que o homem não poderia resignar-se às suas exigências, transformando-se toda a vida em seu servidor. Durante um século, a humanidade entregou-se a uma experiência baseada na seguinte hipótese: a ferramenta pode substituir o escravo. Ora bem, tornou-se evidente que, aplicada a tais objectivos, é a ferramenta que torna o homem seu escravo.

A sociedade na qual a planificação central afirma que o produtor manda, tal como a sociedade em que as estatísticas pretendem que o consumidor é rei, são duas variantes políticas do mesmo domínio pelos

instrumentos industriais em constante expansão. O malogro desta grande aventura conduziu à conclusão de que a hipótese era falsa. (p. 23)

A solução da crise exige uma conversão radical: só deitando abaixo a sólida estrutura que regula a relação do homem com a ferramenta nos poderemos proporcionar umas ferramentas justas. A ferramenta justa corresponde a três exigências: é criadora de eficiência sem degradar a autonomia pessoal; não provoca nem escravos nem senhores; amplia o raio de ação pessoal. O homem precisa de uma ferramenta com a qual trabalhe, e não de instrumentos que trabalhem em seu lugar. Precisa de uma tecnologia que tire o melhor partido da energia e da imaginação pessoais, não de uma tecnologia que o avassale e o programe.

Eu creio que se devem inverter radicalmente as instituições industriais e reconstruir completamente a sociedade. Para poder ser eficiente e cobrir as necessidades humanas que determina, um novo sistema de produção deve também encontrar novamente a dimensão pessoal e comunitária. A pessoa, célula - base, conjugando de maneira ótima a eficácia e a autonomia, é a única escala que deverá determinar a necessidade humana dentro da qual a produção social é realizável.

O homem que se move ou que permanece quieto precisa de ferramentas. Precisa delas tanto para se comunicar com o outro como para se atender a si mesmo. O homem que caminha e se cura com simplicidade não é homem que anda a cem à hora na auto-estrada e que toma antibióticos. Mas nenhum deles pode valer completamente por si mesmo, dependendo do que lhe faculta o seu ambiente natural e cultural. A ferramenta é, portanto, fornecedora do objectos e dos serviços que variam de uma civilização para outra.

Porém, o homem não se alimenta unicamente de bens e de serviços. Precisa também da liberdade para modelar os objectos que o rodeiam, para lhes dar forma ao seu gosto, para os utilizar com e para os outros. Nos países ricos, os presos dispõem frequentemente de mais bens e serviços do que a respectiva família, mas não têm voz nem voto sobre a forma como se fazem as coisas nem têm direitos sobre o que se faz com elas. Reduzidos essencialmente à categoria de meros consumidores - usuários, vêem-se privados da convivencialidade.(p. 24)

A convivencialidade

Por convivencialidade entendo o inverso da produtividade industrial. Cada um de nós define-se pela relação com os outros e com o ambiente, assim como pela sólida estrutura das ferramentas que utiliza. Estas podem ordenar-se numa série contínua cujos extremos são a ferramenta como instrumento dominante e a ferramenta convivencial. A passagem da produtividade para a convivencialidade é a passagem da repetição da carência para a espontaneidade do dom. A relação industrial é reflexo condicionado, uma resposta estereotipada do indivíduo às mensagens emitidas por outro usuário que jamais

conhecerá, a não ser por um meio artificial que nunca compreenderá. A relação convivencial, por outro lado sempre nova, é ação de pessoas que participam na criação da vida social. A mudança da produtividade para a convivencialidade substitui um valor técnico por um valor ético, um valor material por um valor adquirido. A convivencialidade é a liberdade individual, realizada dentro do processo de produção, no seio de uma sociedade equipada com ferramentas eficazes. Quando uma sociedade, não importa qual, repele a convivencialidade para atingir um certo nível, transforma-se em presa da carência, dado que nenhuma hipertrofia da produtividade conseguirá satisfazer alguma vez as necessidades criadas e multiplicadas pela inveja. (p.25)

Os valores de base

Existe nos nossos dias a tendência para confiar a um corpo de especialistas a tarefa de sondar e anunciar o futuro. Entrega-se o poder a homens políticos que prometem construir a megamáquina para produzir o futuro. Aceita-se uma crescente disparidade de níveis de energia e de poder, posto que o desenvolvimento da produtividade requer a desigualdade. Quanto mais igualitária é a distribuição, mais centralizado é o controlo da produção. As próprias instituições políticas funcionam como mecanismos de pressão e de repressão, que domam o cidadão e tornam a domar o transviado a fim de os adequar aos objectivos da produção. O direito subordina-se ao bem da instituição. O consenso da fé utilitária degrada a justiça à simples categoria de uma distribuição eqüitativa dos produtos da instituição.

Uma sociedade que define o bem como a satisfação máxima pelo maior consumo de bens e de serviços industriais do maior número de pessoas, mutila de modo intolerável a autonomia do indivíduo. Uma solução política de recurso para este utilitarismo definirá o bem como a capacidade de cada pessoa para moldar a imagem do seu próprio porvir. Esta redefinição do bem só pode ser operacional se se aplicarem critérios negativos. Trata-se, acima de tudo, de proscrever os instrumentos e as leis que obstaculizam o exercício da liberdade pessoal. Esta empresa colectiva limitaria as dimensões das ferramentas, a fim de defender valores essenciais que eu intitularia de sobrevivência, equidade, autonomia criadora, mas que, ainda assim, se poderiam designar pelos três critérios matemáticos de viabilidade, curva de distribuição de "inputs" e curva de controlo de "outputs". Estes valores são fundamentais para toda a estrutura convivencial, mesmo quando as leis e a moral variarem de uma cultura para outra.

Cada um destes valores limita, à sua maneira, a ferramenta. A sobrevivência é condição necessária, mas não suficiente, para a equidade - pode-se sobreviver na prisão. A equidade na distribuição dos produtos industriais é condição necessária, mas não suficiente, para um trabalho convivencial (p. 27) - uma pessoa pode transformar-se em prisioneira da instrumentação. A autonomia como poder de controlo sobre a energia, engloba os dois primeiros valores referidos e define o trabalho convivencial. Este tem, como condição, o estabelecimento de estruturas que possibilitem essa distribuição eqüitativa da energia.

Devemos construir - e, graças aos progressos científicos, podemos fazê-lo - uma sociedade pós-industrial onde o exercício da criatividade de uma pessoa nunca imponha a outra um trabalho, um conhecimento ou um consumo obrigatório. Na era da tecnologia científica, somente uma estrutura convivencial da ferramenta pode conjugar a sobrevivência e a equidade. A equidade exige que se compartilhem, ao mesmo tempo, o poder e o haver. Posto que a corrida pela energia conduz ao holocausto, a centralização do controlo da energia nas mãos de um leviatã burocrático sacrificaria o controlo igualitário da mesma à ficção de uma distribuição eqüitativa dos produtos obtidos. A estruturação convivencial das ferramentas é uma necessidade e uma urgência desde o momento em que a ciência liberta novas formas de energia. Uma estrutura convivencial da ferramenta torna realizável a equidade e praticável a justiça. Ela constitui a única garantia de sobrevivência. (p.28)

A convivencialidade não tem preço

"A convivencialidade não tem preço, mas o homem deve saber muito bem o que custará desligar-se do modelo actual. Ele reencontrará a alegria da sobriedade e da austeridade, reaprendendo a depender do outro, em vez de se transformar em escravo da energia e da burocracia todo-poderosa". (p.29)

A medicina

"À semelhança do que a Reforma fez, arrancando o monopólio da escrita aos clérigos, nós podemos arrancar o doente aos médicos. Não é necessário ser muito sábio para aplicar as descobertas fundamentais da medicina moderna, reconhecer e atender a maioria dos males curáveis, para aliviar o sofrimento do próximo e acompanhá-lo quando se aproxime a morte. É-nos difícil crê-lo porque, complicado de propósito, o ritual médico nos esconde a simplicidade dos actos.

Conheço uma menina norte-americana de 17 anos que foi processada por ter tratado a sífilis primária de cento e trinta colegas de escola. Um pormenor de ordem técnica, apontado por um perito, valeu-lhe o indulto: os resultados obtidos foram, estatisticamente, melhores que os do Serviço de Saúde. Seis semanas depois do tratamento ela conseguiu análises de controlo satisfatórias de todos os seus pacientes, sem excepção. Trata-se de saber se o progresso deve significar independência progressiva ou progressiva dependência.

A possibilidade de confiar os cuidados médicos a não especializados vai contra a nossa concepção do maior bem-estar, devido à organização estabelecida pela medicina. Concebida como uma empresa industrial, está nas mãos de produtores {médicos, hospitais, laboratórios, farmacêuticos} que estimulam a divulgação de procedimentos avançados, custosos e complicados, reduzindo assim o doente e seus próximos ao status de clientes dóceis. Organizada como sistema de distribuição social de beneficência, a medicina incita a população a lutar por sempre crescentes cuidados dispensados por profissionais em matéria de higiene, de prevenção, de anestesia ou de assistência aos

moribundos. Antigamente, o desejo de justiça distributiva baseava-se na confiança na autonomia. Na actualidade, congelada em monopólio de uma hierarquia monolítica, a medicina protege as suas fronteiras, impulsionando a formação de paraprofissionais, a cujos subtratamentos se submete o doente, que antes os recebia dos seus familiares. Com isto, a organização médica protege o seu monopólio ortodoxo contra a concorrência desleal de qualquer cura conseguida por meios heterodoxos. Na realidade, qualquer pessoa pode cuidar do seu próximo e, neste campo, nem tudo é necessariamente matéria de ensino. Numa sociedade em que qualquer pessoa poderia e deveria cuidar do seu próximo, uns seriam simplesmente mais peritos que outros. Numa sociedade em que se nascesse e morresse em casa, ou em que o mutilado e o idiota não fossem desterrados da praça pública, em que se soubesse distinguir a vocação médica da profissão de picheleiro, encontrar-se-iam pessoas para auxiliar os outros a viver, a sofrer e a morrer.

A cumplicidade evidente entre o profissional e o seu cliente não basta para explicar a resistência do público à idéia de desprofissionalizar o desvelo. Na origem da impotência do homem industrializado, encontra-se outra função da medicina actual, que serve de ritual para conjurar a morte. O paciente confia-se ao médico, não só por causa do padecimento, mas também por medo da morte, para se proteger dela. A equiparação de qualquer doença com uma ameaça de morte é de origem bastante recente. Ao perder a diferenciação entre o alívio de uma doença curável e a preparação para aceitar um mal incurável, o médico moderno perdeu o direito dos seus antecessores a distinguir-se claramente do bruxo e do charlatão; o seu cliente perdeu a capacidade de distinguir entre o alívio do sofrimento e o recurso ao esconjuro. O médico encobre, com a celebração do ritual médico, a divergência entre o facto que professa e a realidade que cria, entre a luta contra o sofrimento e a morte por um lado, e o retardar a morte à custa de sofrimentos prolongados, por outro. A coragem de se assistir a si mesmo tem-na unicamente o homem que possui a coragem de enfrentar a morte”. (p. 54 - 56)

Frases de Ivan Illich

“A escola parece estar destinada a ser a igreja universal da nossa cultura em decadência”.

“A escola é um rito de iniciação que introduz o neófito na carreira sagrada do consumo progressivo”.

“Não há movimento de verdadeira libertação que não reconheça a necessidade de adotar uma tecnologia de baixo consumo energético”.

“Diga-me a que velocidade te moves e te direi quem és. Se não podes contar mais do que com os teus pés para te locomoveres, és um marginalizado, porque desde anos, o veículo se converteu em sinal de seleção social e em condição para a participação na vida nacional. Em qualquer lugar onde a indústria do transporte franqueou aos

passageiros uma barreira crítica de velocidade, inevitavelmente se estabelecem novos privilégios para a minoria e prejudica a maioria”.

“Chegou o momento de tirar das mãos do médico a seringa, como se tirou das mãos do escriba a caneta durante a reforma. A maioria das doenças são curáveis hoje, podem ser diagnosticadas e tratados por profanos. Para as pessoas isto resulta difícil aceitar porque a complexidade do ritual médico lhes ocultou a simplicidade dos seus instrumentos básicos”.

“O americano típico devota mais de 1500 horas no ano (que são 30 horas por semana, ou 4 horas por dia, incluindo domingos) a seu carro. Isto inclui o tempo gasto atrás do volante, andando e parado, as horas de trabalho para pagar por ele e para pagar pelo combustível, pneus, pedágios, seguro, bilhetes e taxas. Deste modo ele toma deste americano 1500 horas para andar 6000 milhas (no curso de um ano). Três milhas e meia custam-lhe uma hora. Nos países que não têm uma indústria do transporte, as pessoas viajam exatamente nesta velocidade a pé, com a vantagem que podem ir onde quiserem e de não estarem restritas às estradas de asfalto”.

MAS QUEM É IVAN ILLICH? – Jurandir Freire Costa

Mas quem é Ivan Illich? – pergunta Jurandir Freire Costa, psicanalista, autor de vários livros, no artigo “*Felicidade de pacotilha*. Busca do bem-estar eterno se converteu no mal-estar da ética”, publicado na *Folha de S. Paulo*, 7-2-1999. E ele responde:

“As novas gerações, provavelmente, nunca ouviram falar dele; a geração 68, provavelmente, esqueceu o que um dia a fez sonhar e não tem mais tempo a perder com visionários incapazes de oferecer remédios para a saúde financeira de bancos e Bolsas.

Illich é um pensador cristão austro-americano. Nos anos 70, criou a noção de contraproduzitividade para descrever como o sistema médico, criado para proteger a saúde, estava provocando doença; a escola, criada para educar, estava deseducando; o sistema de transporte, criado para facilitar a mobilidade, estava produzindo engarrafamentos, etc. A maior autonomia das pessoas, dizia ele, era o meio de combater uma engrenagem que emperrou na própria burocracia e passou a prejudicar aqueles a quem devia beneficiar.

Nos anos 80 e 90, Illich voltou à carga, interpelando a moral dos tempos presentes. Dessa vez, para denunciar a sujeição do corpo ao reino da troca e da mercadoria. A atual idolatria do corpo e das sensações, diz ele, é contrária à liberdade humana. Na contramão do hábito cultural dominante, afirma que a obsessão em sobreviver e evitar todo sofrimento a qualquer custo redundou em alienação do mundo e de si mesmo. Não temos, é claro, por que sofrer desnecessariamente ou abrir mão de ser felizes. Mas, quando a felicidade se torna mero interesse pela sobrevivência e pela busca incessante de prazer, o resultado é a perene insatisfação consigo, a indiferença para com o outro e o esvaziamento do próprio sentido da vida. O bem-estar do corpo se converteu no mal-estar da ética.

A imagem do indivíduo utilitarista, difundida pela mídia no dialeto do mercado, é desmontada e exposta em suas baixas origens. Estilizar a vida ou se autogovernar deixou de ser uma virtude para se tornar um vício. Ser independente, cuidar de si, não significa agarrar-se à vida compulsivamente, até o próximo pico de excitação física ou emocional ou a chegada do asilo ou das UTIs. A vida vivida ao rés-do-chão não é nem grande, nem digna: é simplesmente uma existência encolhida e reduzida a sua expressão corporal. Se aceitarmos ser meras sombras faladas de nossas reações físico-sensoriais, a felicidade que queremos é de pacotilha.

Esse mundo, narcisicamente dobrado em si mesmo, é o mundo dos livros queimados. Nele, a memória do que fomos e a história do que quisemos perdem a importância, sem que nada ou ninguém venha a herdar algo da "lâmpada de nossos pés" ou da "luz de nossos caminhos". Passado e futuro, no horizonte do corpo, são um puro espelho do eu, *hic et nunc*. O outro não interessa. Se ele é um duplo de minha imagem sociomoral, se torna um provedor de sensações, devorado nos limites do vampirismo emocional; se é um estranho, um desigual, sua vida ou morte nada significam para mim. O deserto é o destino do "eu de escambo" e do corpo cego ao mundo.

Sartre celebrou a frase "o inferno são os outros". Não viveu o bastante para conhecer o inferno do eu exilado no corpo. Quem ouvir, no que foi dito, ecos da "luta contra a carne" ou do puritanismo repressor errou o alvo; quem encontrar traços das éticas da vontade no Ocidente talvez tenha razão. Seja como for, não é preciso ir tão longe e tão fundo.

Leiam Illich. Ele parece dizer o que muitos de nós já não sabem ou nem sequer podem pensar: vivo, saberei por que vivo; morto, não terei vivido em vão".

"ELE NOS ABRIU GRANDES HORIZONTES"

Entrevista com o sociólogo Luiz Alberto Gómez de Souza:

Luiz Alberto Gómez de Souza é Diretor Executivo do Centro de Estatística Religiosa e Investigações Sociais, CERIS. Gómez de Souza é doutor em sociologia pela Universidade de Paris e mestre em Ciências Políticas pela Escola Latino-americana de Ciência Política da Flacso, em Santiago do Chile. Em 1965, junto com a sua família, ele foi a Cuernavaca para trabalhar com Ivan Illich no Centro Intercultural de Documentação – CIDOC. Em entrevista telefônica ao *IHU On-Line*, Gómez de Souza fala sobre a pessoa e o pensamento de Ivan Illich.

IHU On-Line- Quem foi Ivan Illich?

Luiz Gómez de Souza- Ivan Illich era filho de uma judia austríaca e um príncipe croata. Ordenou-se sacerdote na Itália e fez doutorados em teologia e em cristalografia. Estudou em Roma na escola para a carreira diplomática do Vaticano. Depois se encardinou na Diocese de Nova York e foi logo para Porto Rico, na Universidade de Ponce. Começou, então, a conhecer a América Latina. Nesse momento, o Papa tinha pedido que viessem missionários para nossa região. Ivan Illich achou isso positivo e, ao mesmo tempo, muito perigoso, se fossem enviadas pessoas mal preparadas. Então ele fundou o Centro de Formação Intercultural – CIF, cuja finalidade era capacitar missionários e

simultaneamente desestimular muitos deles. Posteriormente, Illich sentiu a necessidade de fazer algo diferenciado para o Brasil e fundou o CEMFI - Centro de Formação Missionária Intercultural, em Petrópolis, no qual se ministravam aulas de português, teologia, cujo professor era Juan Luis Segundo, sociologia e realidades latino-americanas. Em 1961, decidiu mudar-se para Cuernavaca, no México, e fundou o Centro Intercultural de Documentação – CIDOC.

IHU On-Line- Como o Sr. o conheceu?

Luiz Gómez de Souza- Em 65, Ivan Illich veio ao Rio de Janeiro e se encontrou com Dom Hélder Câmara. Ambos comentaram a idéia de que o Concílio Vaticano II estava chegando ao fim e era necessário pensar no Vaticano III. Illich disse para Dom Hélder que queria montar uma equipe de leigos e padres em Cuernavaca que pensasse no futuro da Igreja e preparasse esse Vaticano III. Ele perguntou a Dom Hélder quem ele sugeria, e este indicou o meu nome. Eu tinha trabalhado com Dom Hélder na JUC e depois na preparação do Concílio. Em 1964 estivera preso e, nesse momento, estava profissionalmente solto. Ivan me convidou para coordenar no CIDOC uma coleção de dossiês sobre os grandes debates políticos e ideológicos daquela época. E lá fui eu com minha esposa Lúcia e meus três filhos: uma de 5 anos, outro de 3, e o terceiro que acabara de nascer.

IHU On-Line- Como foi a convivência com ele?

Luiz Gómez de Souza- Meu trabalho no CIDOC durou de maio de 65 a junho de 66. Illich era um gênio, mas desses gênios difíceis. Ele era autoritário, tinha dificuldade de trabalhar em equipe. Tivemos seis meses de boas relações e seis meses conturbados. No fim, renunciei e fui fazer mestrado em Ciências Políticas, no Chile. Mas, desse ano eu levei um saldo muito positivo pelas idéias instigantes de Illich e pelos contatos que tive em Cuernavaca.

IHU On-Line- O que mais destacaria do trabalho no CIDOC?

Luiz Gómez de Souza- Era um lugar de encontro de pessoas muito interessantes. Nessa época, Illich trouxe Paulo Freire, Erich Fromm, seu amigo, morava em Cuernavaca. Acompanhei, durante este ano, a reflexão de Ivan Illich sobre vários temas. Desde o encontro com Paulo Freire, ele começou a refletir muito sobre uma sociedade sem escola. Para ele, a educação devia ser oferecida na sociedade, sem a necessidade de instituições escolares. Só que essa é uma intuição muito rica, mas também muito elitista. O filho do príncipe pode ter seu preceptor, mas o povo precisa de uma estrutura como a escola. Ivan Illich era um profeta para os próximos 200 anos, mas sem muito pé na situação de pobreza dos anos 60. Ele fez sua crítica à saúde, ao tipo de médicos, ao poder concentrado no médico e ao não respeito pelo paciente. Criticava os hospitais como lugares de intervenção, e uma medicina que era mais curativa que preventiva. Fez também uma crítica aos grandes laboratórios.

Outro grande tema foi o da convivialidade. Ele insistia na importância de criar espaços de diálogo na sociedade. Isso era muito bom para um tipo de sociedade com outro padrão de vida e com tempo livre. Eu via que, na América Latina, nós tínhamos que sobreviver antes de conviver.

Mas ele não era muito sensível a esses aspectos mais urgentes e imediatos. Criticou as estruturas do poder, sabia ver longe, mas nem sempre perto. Mas ele nos abriu grandes horizontes.

IHU On-Line- E como eram as relações de Illich com a Igreja?

Luiz Gómez de Souza- Em 65, respondeu a um processo no Santo Ofício, que passara a chamar-se Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé. Illich recebeu um questionário, muito mal preparado, com base em acusações vagas, ao qual tinha que responder. Esse formulário tinha perguntas como: "O que você pensa das idéias de Juan Luis Segundo? Há orgias em Cuernavaca?" (nunca vi tais coisas ali). E para minha surpresa uma pergunta maluca: "Quais são as suas relações com o Che Guevara e com o agitador internacional Luiz Alberto Gomez de Souza?". A questão é que Illich publicou esse questionário no *New York Times*, o que expôs o Santo Ofício ao ridículo. Mais tarde, Illich pediu redução ao estado leigo. Na sua crítica às instituições, ele incluía o mundo dos clérigos. Mas, em tudo era original: pediu para levantar os votos, menos dois, o celibato e a leitura do breviário.

IHU On-Line- Como ficou a idéia de preparar o Vaticano III?

Luiz Gómez de Souza- O Vaticano III, o vimos realizado na América Latina em Medellín 68, que foi um passo adiante do Vaticano II e adequado à nossa realidade. A equipe de Cuernavaca esteve muito presente na preparação de Medellín. Eu mesmo participei de uma reunião do CELAM em 1967, em Buga, onde se discutiu a idéia de uma educação libertadora.

IHU On-Line- Uma última palavra sobre Ivan Illich.

Luiz Gómez de Souza- Guardo carinho por ele. Um homem profético e fora de série.

ACONTECE

A Universidade do Futuro

ENTREVISTA COM O PROF. DR. IVAN DOMINGUES E PROF. DR. ALFREDO GONTIJO

No dia 29 de novembro, o filósofo Ivan Domingues e o físico Alfredo Gontijo estiveram na Unisinos, convidados para dar consultoria ao Planest. A Unisinos, na sua busca por reconceituar a Universidade, acolheu os dois cientistas que falaram sobre o tema da transdisciplinaridade a professores, professoras e autoridades universitárias.

Ivan Domingues é Diretor-Presidente do Instituto de Estudos Avançados Transdisciplinares (IEAT/UFGM) Professor Adjunto do Departamento de

Filosofia da Universidade Federal de Minas Gerais (FAFICH/UFMG), doutor em Filosofia pela Sorbonne - Paris I (1989), consultor da CAPES, do CNPq e de outros órgãos.

Domingues é autor dos seguintes livros: *O fio e a trama: reflexões sobre o tempo e a história*. Editora UFMG: 1996. *O grau zero do conhecimento: o problema da fundamentação das Ciências Humanas*. Loyola:1991 e é organizador do livro *Conhecimento e transdisciplinaridade*. Editora UFMG: 2001. Ivan Domingues já tinha visitado a Unisinos e dado entrevista ao *IHU On-Line*, na sua 17ª edição, de 13 de maio de 2002, página 7.

Alfredo Gontijo é professor titular do Departamento de Física (ICEX/UFMG). Doutor em Ciências Naturais - Universidade Albert-Ludwigs, Freiburg, Alemanha. Pós-doutorado na Escola Politécnica Federal (ETH), Zurique, Suíça. *Academic Visitor* no Imperial College of Science and Technology, Londres. Foi membro do Conselho Estadual de Ciência e Tecnologia e do PADCT. É coordenador do Programa de Apoio a Núcleos de Excelência (Pronex) e membro do comitê assessor do CNPq. Diretor-Adjunto do IEAT/UFMG.

Ambos os cientistas conversaram com *IHU On-Line* durante sua visita à Unisinos.

IHU On-Line- Por que vocês acreditam que esse tempo necessita de um conhecimento transdisciplinar?

Alfredo Contijo- O "trans" aí é absolutamente simbólico. Não tem nenhum significado absoluto. Vejamos, se me perguntarem assim: "Como deve se estabelecer um planejamento estratégico para a Unisinos daqui a dez anos?", eu diria simplesmente o seguinte: "Invistam fortemente, de forma radical, na abordagem disciplinar. Não tentem nada mais. Não tentem "inter", não tentem "multi", porque é isso que estará em vigor nos termos institucionais nos próximos dez anos. Agora, se me perguntaram : "em 50 anos?" Em 50 anos, o conceito de universidade já vai ter-se alargado de uma forma enorme, porque o número de cientistas no mundo vem crescendo exponencialmente. Isso significa que, muito em breve, todo o cidadão será cientista. Então ele vai ter que buscar o conhecimento em qualquer lugar, ou seja, ele vai ter que buscar conhecimento numa universidade que é do tamanho da sociedade. Num cenário mais longo ainda. Aí entra a questão: "Será que a ciência vai dar conta de estar gerando respostas para a sociedade daqui a 100, 200 anos? Aí entram reflexões de natureza mais abstrata.

Ivan Domingues- Eu queria recuperar essa idéia do Alfredo que acho muito boa. Virtualmente, cada qual poderá ser, como se diz, um filósofo. Hoje está restrito a alguns poucos. Exige uma formação muito difícil, muito dura, em Filosofia, em ciência, a pessoa tem que dedicar anos, anos e anos de estudos: graduação, pós-graduação, doutorado, pós- doutorado, e isso fica restrito a uma pequena elite, que podemos chamar de aristocracia do ensino, ou aristocracia do espírito. Gente que, por sorte, pôde receber essa formação. Numa perspectiva transdisciplinar, entendida o mais frouxamente possível, porque não estamos designando algo já existente, é mais uma utopia, algo a ser construído, a ser preenchido na pesquisa, junto com esse conceito chave que discutimos aqui hoje que é inteligência coletiva, coletivos pensantes. Virtualmente, todos são candidatos a pertencer a esse coletivo e fazerem parte da sociedade do conhecimento. O indivíduo passa a fazer parte desse coletivo, deixando de ser massa. Essa é a grande perspectiva que se abre para o futuro. Para o futuro

mesmo, não para amanhã, depois de amanhã ou daqui a dez anos. Mas sabendo que o futuro é construído no presente, no tempo real. O presente com seus legados do passado, mas aberto para o futuro.

IHU On-Line- Quais seriam as conseqüências da fragmentação e multiplicação do conhecimento?

Alfredo Gontijo- Aí você tem que olhar também numa escala de tempo. Se você pensar nessa fragmentação, ela retrata exatamente a robustez da estrutura social que está aí, para o bem ou para o mal. Tudo o que está aí é fruto dessa fragmentação. Isso é uma história, uma roda. Então, se eu penso numa escala curta de tempo, eu só vejo sucesso. É a ultra-especialização, é a garantia, porque ela está assentada em conceitos que foram estabelecidos do século XIX para trás. Os conceitos mais elaborados do século vinte ainda não estão incorporados. Qual é a desvantagem? Num cenário de curto prazo ela só tem vantagem, porque você vai exatamente permitir a inserção social das pessoas através da ultra-especialização, porque é isso que está sendo reconhecido. Acontece que o processo, o que nós costumamos dizer hoje, o conhecimento é uma mercadoria como qualquer outra de base material, por exemplo. Isso sempre foi verdade. O novo é o fato de que, o produto de consumo da sociedade, hoje se torna obsoleto e num intervalo de tempo muito curto. Então nós somos obrigados a viver várias vidas numa só. No século XIX eu nascia e minha vida estava programada para durar, porque a obsolescência dos produtos, fossem coisas, fossem conhecimentos, era muito lenta. Eu morria antes deles ou eu morria junto com eles. O produto que eu gerei sobrevivia comigo a vida inteira. Hoje eu sou levado a viver várias vidas numa vida só. Então, a ultra-especialização faz com que eu me torne rapidamente um obsoleto. E a conseqüência disso é um estresse enorme.

Ivan Domínguez- A divisão do conhecimento trouxe uma ética pragmática, utilitarista, que, levada às últimas conseqüências, conduziria ao fim da universidade, uma universidade concorrencial de todos contra todos.

Alfredo Gontijo- O especialista perde um olhar mais abrangente, perde a dimensão do todo, se torna pragmático e individualista. Aí temos duas alternativas. Uma seria um retorno perigoso e saudosista aos holismos do passado, e a outra seria uma unificação aberta. Então, o conhecimento se unifica, mas também se relativiza: não podemos cair no relativismo radical, porque isso leva a reverenciar o próprio umbigo. Devemos trabalhar a unificação aberta.

Ivan Domingues- Eu diria que vivemos um movimento pendular: antes era essa visão holística. Com a modernidade, houve uma reação ao holismo e surge o especialismo. No futuro, nos aguarda a volta ao todo, e lá na frente o todo vai sufocar. Todo o submergido vai mostrar seu rosto e tentar reagir. Se não houver uma volta ao todo aberto, estaremos em um eterno retorno.

IHU On-Line- Vocês falam muito na Universidade do futuro, como seria essa universidade?

Alfredo Gontijo- A universidade tem mil anos e sobrevive porque é forte, sabe harmonizar extremos: conservadorismo com progressismo. Universidade significa unificar coisas. Toda a sociedade demanda acesso ao conhecimento, então, a universidade do futuro deve gerar respostas à sociedade como um todo. Deve ser reconceituada para ter a abrangência apropriada e não ser elitista. Eu tenho uma dificuldade para pensar daqui a dez anos, não é escala de tempo para futuro. Prefiro pensar a longo prazo, 100 ou 200 anos: é uma utopia gostosa.

Nessa época, a universidade terá uma abrangência social plena ou não se justifica. Hoje as pessoas têm acesso ao mundo pela TV e tantas outras formas. A universidade não pode manter-se enclausurada como conventos da Idade Média.

Ivan Domingues- Há três grandes instituições conservadoras no Ocidente: a Universidade, a Igreja e o Exército, sendo que a universidade é a mais plural das três. Todas elas estão duramente ameaçadas. A universidade sofreu a concorrência das grandes empresas multinacionais. Falar nessa universidade do futuro é fazer futurologia, porque ela seria bem diferente da atual. Seria uma universidade de massas, em escala planetária e com condições de atuar em nível macro e micro. É uma nova instituição na qual cada professor teria um estudante. Na universidade atual, há muitos desafios que estão muito longe dessa universidade do futuro. Haveria, então, uma democratização do ensino, de forma tal que todo indivíduo teria acesso à universidade, se desejasse.

IHU On-Line- Outro conceito muito usado por vocês é o de homem totalizante...

Alfredo Gontijo- O homem totalizante – o pré-científico era uma massa amorfa, sem crítica, sem papel. Em um segundo momento, com a cultura científica, que traz conceitos como o de Estado indivíduo e individualidade, cada um deles tem a mesma relevância social que qualquer outro.

Ivan Domingues- O homem total é aquele que vive na escala da humanidade e é reportado ao indivíduo. O todo está na parte, e a parte está no todo. O indivíduo não é nada sem o outro, mas isso pode trazer junto o totalitarismo. Este homem total busca respostas ao longo de toda a vida e fora da sala de aula, ou seja, o ensino se torna deslocalizado e atemporal.

Cooperativismo e Agricultura Familiar

O professor Derli Schmidt, articulador do grupo temático Cooperativismo, esteve em Santa Maria no dia 2 de dezembro, ministrando a palestra *O papel do cooperativismo na Agricultura Familiar Sustentável*, durante o I Congresso Internacional sobre Agricultura Familiar e Desenvolvimento Sustentável, promovido pela UFSM, Organização dos Estados Americanos, OEA, e a Organização de Agricultura e Alimentos das Nações Unidas, FAO. O professor também participou do curso de Pós- Graduação Especialização em Gestão de Cooperativas, promovido pela ESAMC, Escola Superior de Administração, Marketing e Comunicação de Maceió, ministrando a aula *Gestão Cooperativa*, nos dias 5, 6 e 7 de dezembro.

Cooperativismo, Trabalho e Renda

Nos dias 4 e 5 de dezembro, o professor Vergílio Perius, do GT Cooperativismo, participou do 2º Congresso de Cooperativismo do Rio Grande

do Norte, em Natal, XX. O prof. Vergílio apresentou, no primeiro dia, o tema *Cooperativismo e legislação* e no segundo dia *Cooperativas de trabalho: trabalho e renda*. No evento, o professor participou de uma sessão de autógrafos do seu livro, *Cooperativismo e Lei*, editado pela Editora Unisinos, em 2001, com 351 páginas. Já amanhã, dia 10, o professor Vergílio apresentará o tema *Novos projetos da lei cooperativista*, durante o Curso sobre Cooperativismo, organizado pelo Sebrae, em Belo Horizonte. Na ocasião, será feito o lançamento de seu livro *Cooperativismo e Lei*.

Economia Solidária

O Grupo Temático Economia Solidária esteve presente na 1ª Conferência Nacional de Economia Solidária da Rede Unitrabalho, realizada de 4 a 6 de dezembro, em São Paulo-SP. Participaram do evento os professores Luiz Inácio Gaiger e Ana Mercedes Sarria Icaza. O professor Luiz Inácio foi um dos painelistas do encontro e, junto com a professora Ana Mercedes, coordenador de um dos grupos de trabalho. Gaiger também foi membro da coordenação geral da conferência.

Livros & Artigos

A ENTREVISTA DA SEMANA

‘AS GRANDES TRANSFORMAÇÕES ORIGINARAM-SE NA ESFERA SOCIAL’

Reproduzimos na íntegra a entrevista de Francisco de Oliveira, publicada no site <http://transicao.lula.org.br/> no dia 29-11-02. Francisco de Oliveira é professor-titular aposentado do Depto. de Sociologia da USP e coordenador do Centro de Estudos dos Direitos da Cidadania da FFLCH-USP. É autor de inúmeros livros, entre os quais citamos *A Economia da Dependência Imperfeita*, Editora Graal, 1983 e *O Sentido da Democracia. Política do dissenso e hegemonia global*, Petrópolis: Vozes. Os subtítulos são nossos.

APROFUNDAR A DEMOCRACIA PARTICIPATIVA

Pergunta - Em que a reforma política, prevista no programa do presidente-eleito, pode contribuir para superar os impasses econômicos do futuro governo?

Francisco de Oliveira - Embora nós preferíssemos exatamente que a economia estivesse subordinada à política, o tempo da reforma política será mais lento que o tempo dos desafios econômicos, que são urgentes. De imediato, a reforma não poderá ajudar muito. Em política não há metas matemáticas. A política é plural. E seria um desastre fazer dela algo unívoco. O desenho final da reforma será traçado pelo Congresso, pelos partidos e pelas forças organizadas da sociedade. Mas nós, do Instituto Cidadania, fixamos alguns objetivos a serem perseguidos. O maior de todos é fazer avançar o processo de democratização da sociedade brasileira. Aprofundar a democracia participativa: esse é o guarda-chuva referencial.

Pergunta - Qual foi a última grande conquista democrática da cidadania no país?

Francisco de Oliveira - Foi o voto aos analfabetos, há 13 anos, que incorporou uma ampla camada da sociedade à vida política institucional. Não haverá nada tão significativo daqui para frente. O desafio agora é acelerar e aprofundar essa inclusão.

Pergunta - Como?

Francisco de Oliveira - Através de uma participação mais ativa nas decisões políticas. A democracia representativa é sagrada, mas não é suficiente. Não basta votar e delegar. Não basta o voto periódico que transfere tudo à representação. A cidadania precisa atuar, fazer política diretamente.

Pergunta - Como isso é possível numa sociedade plural e heterogênea?

Francisco de Oliveira - Ninguém pensa em reproduzir aqui o *assembleísmo* permanente dos regimes totalitários de tipo *mobilizador*. Mesmo porque, até eles, como se sabe, deram errado. O que se pretende é ativar mecanismos democráticos de consulta sempre que decisões cruciais exigirem um consenso mais amplo. Por exemplo: plebiscitos, referendos, câmaras especiais, tipo orçamento participativo, enfim, mecanismos que permitam ao cidadão incorporar a política à rotina de sua vida. Outra preocupação, ainda, é tornar as instituições republicanas mais transparentes.

O QUE PODE DEFINIR O GOVERNO LULA?

Pergunta - O senhor disse recentemente que a eleição de Lula poderia significar a refundação do Estado brasileiro. Em que sentido?

Francisco de Oliveira - No sentido de um avanço republicano. No sentido dessa universalização dos direitos, no sentido de uma consolidação de regras e normas que constroem a esfera pública. E, finalmente, no sentido de um ataque final, e frontal, a todas as formas de deformação republicana. O poder oligárquico, por exemplo.

Pergunta - Mas se a reforma política será lenta e modesta e, no campo econômico, a relação câmbio – juros – salários mostra-se inflexível, como atingir esse ideal? Enfim, o que pode definir o governo Lula?

Francisco de Oliveira - Essa é a questão. Exatamente essa: o que pode definir o governo Lula. Eu acho que o que pode definir o governo Lula é o estatuto da política social. É isto que definirá o governo Lula. Não é a economia - está se insistindo muito na economia, não é por aí. Não que ela não seja importante. Os constrangimentos econômicos são muito severos e exigem atenção máxima. Mas não é ela que definirá o governo Lula, é o social, o estatuto da política social é que vai marcar a grande transformação.

‘A GRANDE TRANSFORMAÇÃO’ – A INTUIÇÃO POLANYIANA

Pergunta - No entanto, as iniciativas sociais serão moduladas, para dizer o mínimo, pelos constrangimentos econômicos?

Francisco de Oliveira - Olha, o surpreendente na história do capitalismo é que todas as grandes transformações originaram-se na esfera social – e aqui, involuntariamente, estou me apropriando de um termo do Polanyi (NR. Karl Polanyi, economista austríaco, 1886-1964, autor de *A grande Transformação*, 1944, onde demonstra que a primazia do econômico corrói a sociedade e impõe a incorporação de balizas sociais à reprodução do capital).

Pergunta - O senhor fala da lógica social como resistência à lógica mercantil?

Francisco de Oliveira - Justo. Essa é a grande transformação de que nos falava Polanyi: uma resistência à lógica da mercadoria. Foi a força inovadora do século 20. A novidade foi dar ao social o estatuto de política de Estado, o que é diferente de política mitigadora.

Pergunta - Mas Polanyi era um Keynes à direita, não era?

Francisco de Oliveira - Sim. Ele era um conservador. Mas o fantástico é justamente isso, que um sujeito de direita tenha chegado à percepção de que a sociedade tem que resistir à lógica do mercado, ou ela se autodestrói. Isso é muito significativo.

Pergunta - **O social é que faz a História avançar?**

Francisco de Oliveira - Exatamente. Na visão polanyiana, o social não é complementar ao econômico, ele é antagônico, e por isso gera uma outra dinâmica que permite à sociedade evoluir. Essa, a meu ver, será a alavanca definidora de um governo Lula.

A ERA VARGAS E A ERA FHC

Pergunta - É o oposto da rendição neoliberal ao mercado?

Francisco de Oliveira - O neoliberalismo foi uma contra-reação ao social. O social passou a ser visto de forma residual: dependente do desempenho da economia, dependente das contas externas, dependente do ajuste fiscal... Adotou-se, incondicionalmente, o conceito da mercadoria. Polanyi, tanto quanto Keynes, advogavam o oposto (NR: John Maynard Keynes, 1883-1946, autor de *A Teoria Geral do Emprego, do Juro e da Moeda*, 1936, defensor de políticas anticíclicas de gastos públicos para combater a recessão). Keynes, numa versão mais pragmática, porque estava fazendo política econômica, mas ambos diziam o contrário: – A lógica da mercadoria desemboca num parafuso sem fim. Então tem que se recorrer a uma outra lógica, e essa não vem do mercado: ela se antepõe ao mercado.

Pergunta - O Brasil já teve experiência semelhante?

Francisco de Oliveira - Veja bem, no caso brasileiro, isso aconteceu na era Vargas. Por isso Fernando Henrique Cardoso tanto se esmerou em liquidar a herança de Vargas. Qual a marca da era Vargas? Ele deu o estatuto de política de Estado ao social. No caso, implantado-o de forma autoritária, fenômeno comum a todos os capitalismo tardios, tal a resistência que existia ao social. E tal era essa tensão que Vargas fez tragicamente as duas coisas. Quebrou a velha ordem e, ao mesmo tempo, ligou-se a ela. É uma marca dos casos autoritários.

Pergunta - E isso gerou uma nova dinâmica econômica?

Francisco de Oliveira - Claro. Quem diria que o Brasil, em plena Grande Depressão, teria condições econômicas para fazer o que Vargas fez? Ele fez, e aquilo deu um rumo à economia. É preciso criar uma lógica que vá condicionar o econômico.

O EXEMPLO DO SALÁRIO MÍNIMO

Pergunta - Hoje o que seria o equivalente a isso?

Francisco de Oliveira - Tome o caso muito atual, que vai se impor ao futuro governo, do salário mínimo. Qual é a lógica economicista? Você vê o que a economia pode “dar”. Dá o que sobra, quando sobra. Qual a outra lógica? Você vê o que a economia deve fazer para atender a requisitos de redução de desigualdade. Evidentemente, isso não significa que você seja um aloprado e fixe um mínimo de R\$ 1.500. Mas é pensar além do economicismo. E quando você faz isso, obriga a economia a comportar-se de outro jeito.

Pergunta - Existe um episódio pedagógico desse condicionamento na história brasileira: o saneamento básico no Rio de Janeiro. Ele só começou a ser feito depois da abolição da escravatura, porque a elite deixou de ter negros disponíveis para carregar dejetos de suas casas ...

Francisco de Oliveira - Você vê? Muda tudo. Muda por exemplo aquela que talvez seja a mais pesada herança que FHC deixa a Lula: a restrição das dívidas interna e externa. Se você pensa o salário mínimo residualmente, a partir dessas restrições, você continuará pagando o serviço da dívida interna tal como está. Mas se você disser: "Não. Nós vamos começar a reduzir as desigualdades sociais hoje", e fixa um salário mínimo sensato, a equação que vai mudar é a da dívida.

‘FINCAR ESTACAS’

Pergunta - Num governo autoritário isso é fácil, mas num governo democrático, como se faz essa reciclagem?

Francisco de Oliveira - Fazendo um diálogo republicano com a opinião pública. Não acuando ninguém, porque não é disso que se trata. Mas é preciso dizer às elites, e convencer os empresários, que estão esperando tudo do governo Lula: a primeira tarefa é começar a reduzir as desigualdades.

Pergunta - O presidente-eleito lançou duas propostas que apontam nessa direção: o Fome Zero e o Pacto Social...

Francisco de Oliveira - O Fome Zero marca essa opção, mas evidentemente precisa gerar uma política de longo prazo. Nós não podemos viver de campanhas, mas de medidas que se transformem em instituições reguladoras da economia. O Fome Zero é um sinal nessa direção. Mas, no capitalismo, se você não constrói instituições reguladoras, a lógica da mercadoria toma conta. Então você tem que transformar a política social num componente forte, encaixado na estrutura de reprodução do capital.

Pergunta - O seguro-desemprego foi algo desse tipo?

Francisco de Oliveira - É uma grande invenção keynesiana. Como é que ele regula a economia? Regula, porque você muda a estrutura do mercado de trabalho. Não permite que o mercado jogue o salário lá para o fundo do poço, como gostaria o capitalista. A partir de um certo patamar, o seguro-desemprego redefine o mercado informal e a própria taxa de lucro. É por isso que você tem que criar instituições...

Pergunta - Tem que fincar estacas?

Francisco de Oliveira - Exatamente isso, estacas. É o curso de um rio, ele vai correr por aqui. Hoje ele corre espreado. Num mercado de trabalho como o do Brasil, por exemplo, em que menos de 50% da mão-de-obra tem contrato formal, o rio alagou. Virou oceano. Ou finca estaca ou o governo, para atender aquilo para o qual foi eleito, vai ter que viver de campanhas sociais.

A ILUSÃO NEOLIBERAL

Pergunta - O pacto social pode ajudar nesse processo?

Francisco de Oliveira - Esse fórum inicial é uma sinalização e deve caminhar para recortes mais precisos. Você tem que criar fóruns onde a capacidade política dos agentes possa ser exercida na prática. Num grande cenáculo, essa capacidade fica diluída. Em recortes mais precisos, a decisão está ao alcance da mão de cada um. Aí de fato pode-se pactuar alguma coisa. Como ocorreu na câmara setorial da indústria automotiva: acordos setoriais foram pactuados com relativo sucesso para a manutenção do emprego e da rentabilidade.

Pergunta - Para enfrentar esses desafios, qual a hierarquia ministerial mais apropriada? O planejamento assumiria papel de relevo?

Francisco de Oliveira - O tripé central se mantém: Fazenda, Planejamento e Banco Central. Mas os países periféricos, como se sabe, não têm moeda. Ou seja, não têm conversibilidade. Nesses países, as coisas se fazem extramoeda. Você acaba utilizando meios extra-econômicos para orientar a economia...

Pergunta - Que é um pouco a lógica do Polanyi?

Francisco de Oliveira - Exato. A ilusão neoliberal do governo FHC foi pensar que você, por ter estabilidade, tinha uma moeda capaz de dirimir os conflitos. Uma enorme ilusão. E pagamos caro por ela. Os países periféricos, a meu ver, estão condenados ao planejamento. Quer queiram, quer não.

Pergunta - Menosprezá-lo foi o grande erro de FHC?

Francisco de Oliveira - Eles teorizaram assim: bom, existem trilhões de dólares circulando como capital fictício. Se a gente atrelar o real ao dólar, entramos no circuito dessa riqueza cigana. Primeira ilusão: o capital fictício nunca se transforma em capital produtivo. O capital fictício é uma ficção do capital. A função dele é essa mesmo, Marx já o disse há muito tempo. A função é ficar livre e descolado, para essas manobras de ajustamento, hoje mais pesadas e bruscas. A segunda ilusão foi pensar que estabilidade monetária equivale a ter moeda forte. Um erro primário. Não leram Hilferding. O que eles fizeram na verdade foi ancorar o Real ao capital fictício.

'A CHANCE DA PERIFERIA'

Pergunta - A lógica social, porém, colide com os detentores da dívida externa. Como introduzi-la nas negociações com os credores e o FMI?

Francisco de Oliveira - A história brasileira e a da América Latina em geral confirmam a tese defendida pelo italiano Giovanni Arrighi: quando o núcleo entra em crise é a chance da periferia. Se você olha a história do Brasil, vê que isso se comprova. Nos anos 30, o mundo mergulhava na depressão e a economia do país deslanchava. O mesmo aconteceu nos anos 50.

Pergunta - Há sinais de recuperação da economia brasileira: podemos estar diante de um novo ciclo desse tipo?

Francisco de Oliveira - Se soubermos aproveitar, podemos inaugurar num novo ciclo desse tipo. Com uma diferença importante, que deve ser ponderada: o mercado de capitais, hoje, é complexo, fugidio e de difícil manejo. Os Bancos Centrais não controlam a moeda.

Pergunta - Como lidar com esse capital indomável?

Francisco de Oliveira - A forma clássica, a não conversibilidade da moeda, não faz parte da agenda do governo Lula – é bom que isso fique claro. Mas é a única maneira que você tem, de fato, de se proteger da dança de São Guido do mercado de capitais. Vargas fez isso, centralizou o câmbio poderosamente. Porém, repito, isso não está na agenda nem no horizonte do futuro governo.

AGIR NO CAMPO DA POLÍTICA

Pergunta - Existe uma alternativa?

Francisco de Oliveira - Sobra a equação política que é onde devemos nos movimentar. Como? Usando o tamanho do Brasil, o peso do fator Brasil na América Latina e no mercado financeiro mundial.

Pergunta - O tamanho do Brasil sempre foi uma vantagem realçada por Celso Furtado. Inclusive pavimentou seu projeto de desenvolvimento nacional. A questão nacional continua relevante?

Francisco de Oliveira - O desafio hoje é mais de natureza política mesmo. As condições da globalização são muito pesadas. Há muita literatura apologética, mas há uma real transformação. Veja bem: o nacional está ao alcance de nossa intervenção. A vontade popular pode moldar instituições nacionais – ainda pode. Mas a vontade popular não pode moldar instituições internacionais. Ninguém é um cidadão mundial. Você não vota no diretor do Bird, do FMI, da OMC. Então a questão nacional se põe hoje, do meu ponto de vista, na forma como a cidadania processar a equação política aqui dentro. Talvez dessa forma, possa influenciar lá fora. É Polanyi de novo, num cenário ampliado.

Pergunta - Mas a globalização está aqui dentro também...

Francisco de Oliveira - É verdade, mais de 50% do PIB hoje é comandado por empresas estrangeiras. Os dados não são precisos, mas por aproximações indiretas, sabe-se que o deslocamento de patrimônio foi pesadíssimo nos anos 90. Foi mais radical que o programa de privatizações da Inglaterra. Estima-se que 20% do PIB deslocou-se de mãos nesse período. Nem a Thatcher fez isso. A Argentina viveu algo desse porte e, sem fazer nenhuma relação mecânica causal, verifique o cenário desolador do país. O deslocamento foi de tal monta na economia, e tão fulminante, que a política perdeu sua representatividade no país.

Pergunta - A política ficou flutuando?

Francisco de Oliveira - Note, a política não é uma derivação mecanicista da economia. Mas também não está desligada dela. E no caso extremo da Argentina, o desmonte econômico foi de tal ordem, e fez-se com tamanha rapidez, descolado da sociedade, que a política não teve tempo de acompanhá-lo. Hoje deixou de ser um interlocutor relevante da crise Argentina – o que é trágico e perigoso.

CONSTRUIR A HEGEMONIA

Pergunta - Essa crise de representação ocorreu no Brasil?

Francisco de Oliveira - Olha, guardadas as devidas proporções, quem pode dizer que fala hoje por algum setor importante da economia brasileira? A Fiesp fala? Fala nada. O poder está nas associações. A Anfavea é importante. Ali o poder se recicla mais rápido e está mais em contato com a economia real. Por isso a discussão do pacto tem que descer para essas esferas de recorte mais definido.

Pergunta - Paradoxalmente, essa indefinição do poder pode fortalecer um governo Lula, já que ele detém uma efetiva representação popular?

Francisco de Oliveira - Sim, Lula está sobrenadando nessa *indiferenciação*. Vivemos um período que chamo de indeterminação na política, na qual os gatos não se distinguem muito bem. Mas isso vale para os dois lados: os sindicatos também sofreram uma brutal perda de base: bancários, por exemplo, perderam 2/3 dos postos de trabalho que existiam em 1980; os petroquímicos – que pertenciam a um setor público estratégico, agora pertencem à área privada.

Pergunta - Como construir uma nova hegemonia nesse processo?

Francisco de Oliveira - A eleição do Lula é uma espécie de onda sobre essa indeterminação, mas os discursos e as prioridades estão se dando num terreno pautado por dez anos de liberalismo. Se você permanecer nesse terreno, você ganhou a eleição mas não ganhou a hegemonia. É preciso construí-la. E ela será disputada no terreno do estatuto social, em contraposição à lógica absoluta do mercado. Veja: não estamos falando de hegemonia de classe. Isso não se constrói mais. As mudanças do capital destruíram essas identidades. O desafio agora é disputar com a mercadoria a concepção de sociedade.

A POSTURA REPUBLICANA

Pergunta - Em que medida isso recoloca a questão republicana no século 21?

Francisco de Oliveira - Recoloca porque o capitalismo está tornando inúteis e supérfluas as instituições democráticas e republicanas. Um exemplo apenas: o Congresso trabalha o orçamento da República durante o ano todo, com todas as imperfeições e virtudes que sabemos. Concluído o processo, o Banco Central dá um piparote nas taxas de juros, dispara a dívida pública e torna todo esse esforço republicano inútil. Então para que serve o voto...

Pergunta - ...Para que serve um país na globalização?

Francisco de Oliveira - Justo. Para que serve um país na globalização? Para que servem as instituições republicanas no capitalismo? A resposta terá que ser buscada no fortalecimento da República, o que se fará com a introdução da questão social como interlocutor da sociedade diante do mercado.

Pergunta - Que personalidade brasileira expressa melhor essa postura republicana?

Francisco de Oliveira - Celso Furtado. Creio mesmo que o governo Lula deveria inspirar-se na figura desse grande brasileiro para guiar-se nos próximos quatro anos.

Artigo da Semana

Reproduzimos o artigo *O quarto problema*, de Cristovam Buarque, economista, ex-reitor da UnB e senador eleito, publicado n' *O Globo* de 2-12-02.

O QUARTO PROBLEMA

“O Brasil tem três grandes problemas visíveis: a economia estagnada, a renda concentrada e a pobreza histórica. Há um quarto grande problema invisível: a idéia de que esses três problemas se resolvem automática e sucessivamente — o crescimento distribuiria a renda e essa distribuição erradicaria a pobreza.

A idéia de que, depois de crescer, a renda seria distribuída foi uma das maiores mentiras arquitetadas pelos poderosos para enganar o povo. Durante cem anos, o Brasil foi um recordista em crescimento e recordista em concentração da renda.

Ao longo do século XX, o Brasil teve uma elevada taxa de crescimento econômico, mas a renda se concentrou, e a pobreza se agravou para milhões de brasileiros. Na verdade, o Brasil cresceu graças a uma engenharia da concentração da renda, executada por meio de sofisticados instrumentos de política econômica, combinando inflação, taxas de juros, subsídios, políticas salariais e correções monetárias. O logro da distribuição de renda depois do crescimento não foi menor que a mentira de que ela seria suficiente para atender às necessidades dos pobres — a população brasileira acredita que emprego e salário conseguem erradicar o quadro da pobreza. Mas a distribuição da renda, por meio de aumento do salário-mínimo, não permitirá suprir as necessidades básicas da população.

Em primeiro lugar, pelo simples fato de que esses aumentos não serão suficientes para cobrir os custos dos bens e serviços essenciais, se eles tiverem de ser comprados. Uma melhoria na distribuição da renda, como o aumento proposto no salário-mínimo de R\$ 200 para R\$ 240, R\$ 250 ou R\$ 300, não muda o quadro da pobreza. O assalariado vai comprar um pouco mais de comida... talvez um sapato. Mas ele não vai conseguir pagar escola, plano de saúde, nem colocar água e esgoto em sua casa. Estão enganando o povo quando dizem que um ligeiro aumento no salário-mínimo diminuiria a tragédia social da pobreza.

Em segundo lugar, porque aumentos elevados (além de continuarem insuficientes) são impossíveis. Por causa das limitações financeiras, o setor público não tem como cobrir suas contas para garantir aumentos elevados nos salários. Toda a renda nacional, distribuída a todos os brasileiros adultos, daria mais ou menos R\$ 900 por mês para cada um deles — ainda insuficiente para pagar despesas com escola, saúde e moradia. Isso devido às limitações econômicas, pois a perversa estrutura industrial brasileira produz para os ricos, e a economia quebraria se os ricos não pudessem comprar seus produtos. Também por limitações políticas, os grandes aumentos não ocorrerão, porque,

no Brasil, todos defendem a distribuição da renda, mas cada um quer abocanhar um pedacinho maior da renda nacional.

No Brasil, a palavra distribuição é usada no sentido de aumento, como se fosse possível distribuir com todos ganhando ao mesmo tempo; ao ponto de que muitos dos salários de alguns trabalhadores são definidos em número de salários-mínimos: quando sobe o mínimo, sobe também o máximo, e os empresários aumentam os preços, mantendo-se inalterada a concentração.

A pobreza não desaparece com a distribuição da renda, mas com a garantia de escolas de qualidade para todas as crianças; de um sistema público de saúde eficiente e universal; de moradia com água, esgoto e coleta de lixo; e uma renda mensal, mesmo que pequena. A abolição da pobreza, como a abolição da escravidão, só será conseguida no Brasil por meio de políticas sociais.

Um conjunto de políticas sociais que erradiquem inteiramente a pobreza no Brasil custaria não mais do que R\$ 40 bilhões por ano — apenas 3% da renda nacional, menos de um décimo da receita prevista para o setor público brasileiro neste ano. Aplicando diretamente na erradicação da pobreza, com esse dinheiro não faríamos apenas a segunda abolição (abolição das necessidades essenciais), mas realizaríamos também uma distribuição da renda e induziríamos o crescimento econômico, subvertendo a lógica tradicional: no lugar de crescer para então distribuir e depois abolir a pobreza, abolir a pobreza para distribuir renda e crescer.

Mas essa mudança de lógica não ocorre por causa do quinto problema: a falta de capacidade da elite para se indignar diante da pobreza de milhões de brasileiros. Sem a indignação, não há urgência para resolver a pobreza. Sem a urgência, é natural o acomodamento em uma lógica que mostrou sua falência, mas é cômoda para essa elite, que continua prometendo crescer para distribuir renda e assim erradicar o quadro trágico da pobreza social brasileira”.

Frase da semana

“Olhe-se para o geral da desigualdade, conforme dados do IBGE (para os pobres) e do Banco Central (para os bancos). Tem-se que os 50 maiores bancos que operam no Brasil, inclusive os estatais, lucraram R\$ 15,857 bilhões nos primeiros nove meses do ano. Já os 40% mais pobres ganham por mês a merreca de R\$ 150. Para chegar a ter o "lucro" de 50 bancos, 67 milhões de pessoas precisariam trabalhar 980 anos” – Clóvis Rossi, jornalista, no artigo “As ‘soluções de força’”, *Folha de S. Paulo*, 5-12-02.

Comunicações da Coordenação

Centro de Ciências Econômicas e Agência de Integração e Desenvolvimento

No dia 2 de dezembro, a coordenação esteve reunida com o Prof. Dr. Tiago Wickstrom Alves, diretor do Centro de Ciências Econômicas e com a Profa. Dra. Paraskevi Bessa Rodrigues, coordenadora da Agência de Integração e Desenvolvimento. Na reunião, foi discutida a possibilidade e viabilidade de uma maior integração entre as atividades do IHU com o Centro de Ciências Econômicas e com a Agência de Integração e Desenvolvimento.

Balanco Social

No dia 3 de dezembro, a coordenação do IHU esteve reunida com o Nestor Pilz e a Profa. Vera Lúcia Bemvenuti, discutindo a participação do IHU no Balanço Social da Unisinos.

Ciclo de estudos sobre o Brasil

No dia 3 de dezembro, a coordenação do IHU reuniu-se com a Profa. Dra. Berenice Corsetti, vice-diretora do Centro de Ciências Humanas, o prof. Dr. André Moreira Cunha, integrante de comissão de coordenação do Curso de Ciências Econômicas, e o prof. MS Fabrício Lopes Silveira, do Centro de Ciências da Comunicação. Discutiu-se a proposta de um Ciclo de Estudos sobre o Brasil, a ser realizado durante o ano de 2003. O ciclo consistirá no estudo de seis autores: Gilberto Freire (*Casa Grande e Senzala*), Sérgio Buarque de Holanda (*Raízes do Brasil*), Caio Prado Jr. (*A formação do Brasil contemporâneo*), Celso Furtado (*A formação econômica do Brasil*), Florestan Fernandes (*A revolução burguesa do Brasil*) e Euclides da Cunha (*Os Sertões*).

MST

No dia 2 de dezembro, o prof. Dr. Pe. Martinho Lenz, visitou o IHU, ocasião na qual ofereceu-lhe o extrato da sua tese de doutorado, que foi realizado na Faculdade de Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Gregoriana. O título é: *Movimentos Sociais no contexto de globalização. O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST): identidade, contribuição para a reforma agrária e a Igreja no Brasil*. A tese foi defendida no primeiro semestre deste ano. Martinho Lenz já foi professor da Unisinos. Agora está assumindo o cargo de secretário executivo do Mutirão contra a Miséria e a Fome, uma iniciativa da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil - CNBB.

Império

Ainda no dia 2 de dezembro, Inácio Neutzling, coordenador do IHU, participou da reunião dos professores e professoras do PPG de Educação, onde foi

apresentada uma breve síntese, seguida de debate, do livro *Império*, de Antônio Negri e Michael Hardt. Tal discussão foi proposta, tendo-se em vista a preparação do Congresso Internacional de Educação a ser realizado aqui na Universidade, de 3 a 5 de setembro de 2003.

Um ano do IHU On-Line

No dia 4 de dezembro, a coordenação do IHU reuniu-se com a equipe de comunicação composta por Sonia Montañó, jornalista, Profa. Mardilê Friedrich Fabre e Graziela Wolfart, juntamente com o Prof. MS Lauro D'Ávila, coordenador do Curso de Relações Públicas, Profa. Dra. Híliana Reis, professora do Centro de Ciências da Comunicação e responsável por atividades junto aos webmasters do centro, e Prof. MS Miro Bacin, coordenador adjunto do curso de Jornalismo. A reunião foi realizada para avaliar o primeiro ano do boletim *IHU On-Line* e planejar o seu encaminhamento no ano de 2003. Os resultados desta profícua reunião de trabalho certamente serão percebidos pelos leitores e leitoras do *IHU On-Line* durante o próximo ano.

FSM - 2003

A participação da Unisinos no Fórum Social Mundial de 2003 foi assunto de uma reunião ocorrida na última quinta-feira, dia 5, entre a coordenação do IHU e membros da comunidade acadêmica. Estiveram presentes Maria Dinorah Araújo, da Difusão Cultural, Fernando Poccai, da Procex, Prof. Alexandre Peroni, do Centro de Ciências da Saúde, prof. Dr. José Ivo Follmann, diretor do Centro de Ciências Humanas, Haide Maria Hupffer, da Procex, Denise Avancini Alves e Gilmar Vargas Cardoso, da Prodesen, e Thaís Jardim, da Editora Unisinos. O FSM acontecerá de 23 a 28 de janeiro de 2003.

A fonte de Heráclito

No dia 5 de dezembro, a coordenação do IHU se reuniu com o Sr. Roberto Westphalen Haleva, diretor de administração do Campus, Renata Cavion, arquiteta, da DCAM, e com o Prof. Dr. Marcelo Fernandes de Aquino, vice-reitor, para discutir a proposta de lançamento, por ocasião do *Simpósio Internacional Água: Bem Público Universal*, a ser realizado de 20 a 22 de maio de 2003, de um concurso nacional para um projeto de uma fonte de água a ser, eventualmente, construída na Unisinos. Também foi sugerido que, durante o Simpósio, fosse inaugurada a fonte de Heráclito nas proximidades do pr

Cultural + Social

No último dia 6 de dezembro, sexta-feira, a coordenação do IHU esteve reunida com o Prof. MS Alcido Arnhold, coordenador do Programa de Ação Social na Zona Sul de São Leopoldo, PASZSSL, e com a Profa. Lúcia Passos, coordenadora da Difusão Cultural. A idéia é criar uma parceria entre as atividades culturais, os projetos e os programas da área social da Universidade.

CUT discute Pacto Social

No dia 7 de dezembro, Inácio Neutzling, coordenador do IHU, participou do Seminário sobre os desafios e perspectivas do movimento sindical frente ao

novo governo, promovido pela Escola Sindical Sul, em Florianópolis. Juntamente com a profa. Cláudia Affonso, da Universidade Federal Fluminense, ele debateu o tema Pacto social e as novas relações estado e sociedade. Participaram do seminário 180 dirigentes sindicais do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. João Felício, presidente da CUT e Paulo Bernardo, deputado federal, entre outros, participaram também como debatedores do evento.



O entrevistado relâmpago desta edição é...



Attico Chassot

Attico Chassot é professor do PPG em Educação, do Centro de Ciências Humanas. Leitor e colecionador das edições do *IHU On-Line*, ele relata trechos de sua história de vida.

Pequena biografia - Nasci em Estação Jacuí, um lugarejo entre Santa Maria e Cachoeira do Sul, aqui no Estado. Meu mundo, quando criança, se resumia às duas cidades, pois os trens que marcavam a vida do lugarejo tinham para mim só duas procedências e só dois destinos. Sou o mais velho dos sete filhos que meus pais tiveram. Éramos uma família de muito poucos recursos, pois meu pai era ferroviário, de profissão marceneiro. Meus pais eram muito religiosos. Eu não era alfabetizado ainda, e minha mãe já me havia ensinado a responder às orações das missas em latim. Quando completei sete anos, nos mudamos de Jacuí para Montenegro, região natal de meus pais.

Formação - Nessa cidade, concluí minha formação primária e ginásial. Depois disso, fui cursar o científico em Porto Alegre. Ingressei na graduação em Química na UFRGS. Quando era professor no Instituto de Química da UFRGS, eu tinha a convicção de que sabia o conteúdo, mas precisava saber mais como ensiná-lo. Essa foi a razão de fazer Mestrado em Educação e, depois, o Doutorado em Educação, ambos os cursos feitos na UFRGS. Este ano, 2002, já no 42º ano de magistério, fiz o pós-doutorado em Educação na Universidade Complutense de Madrid. Foram seis meses que tenho como os melhores de minha vida, pois era dono do meu tempo e pude estudar assuntos de minha escolha.

Magistério – Quando terminei o curso científico, no Colégio Júlio de Castilhos, em Porto Alegre, fiz vestibular para o Curso de Engenharia. Não fui aprovado em Desenho. Voltei a Montenegro, em 1961, tornei-me professor de Matemática. No ano seguinte, fiz vestibular para o Curso de Química da UFRGS, onde também fui professor depois de formado, durante 25 anos, tendo

sido Diretor do Instituto de Química e Coordenador do Curso. Enquanto aluno da graduação, fui professor de Química em várias escolas. Aqui em São Leopoldo, dei aulas no Colégio São José e na Escola Pedro Schneider. Também por alguns anos fui professor de cursinho pré-vestibular.

Ingresso na Unisinos - Tenho dois ingressos na Unisinos. O primeiro foi em 1965, quando fui professor de Química no curso de História Natural por dois anos E o outro em 1995, quando ingressei no PPG em Educação, a partir de uma seleção pública.

Contato com a Química - Não perdi de todo a ligação com a Química. Hoje atuo na formação de professores de Química e sou um dos editores da revista *Química Nova na Escola*, da Sociedade Brasileira de Química. Mas minha opção hoje é a Educação, e sou muito realizado atuando nessa área. Tenho também um envolvimento com a História da Ciência, como pesquisador e autor.

Família - Fui casado durante 20 anos com a mãe de meus quatro filhos e já há quase 16 anos minha fabulosa companheira de vida é Gelsa Knijnik, também professora no PPG em Educação da Unisinos. Meu filho mais velho é o Bernardo (34), empresário da área de informática e pai de minha neta querida, a Maria Antônia, de 3 anos. Curto-a muito. Lamento apenas que o Bernardo e sua esposa, Carla, morem em São Paulo. O segundo é o André (32), fotógrafo. Tenho duas filhas: uma, para meu orgulho, é professora universitária na UNISC: Ana Lúcia (25), dentista, e a Clarissa (22), aluna de Administração de Empresas e proprietária de uma oficina de notebooks.

Autor - Eric Hobsbawm.

Livro – *A ditadura envergonhada* e *A ditadura escancarada* de Elio Gaspari. É o Brasil que eu vivi e do qual muito desconheço, ainda.

Filme - *O filho da noiva*, de Juan José Campanella.

Jornais que costuma ler – Assino a *Folha de S. Paulo* e *Correio do Povo*. Sou visceralmente contra a Zero Hora. Não consumo produtos RBS.

O Brasil nos próximos anos - Vejo-o com grande esperança. A eleição de Lula era um sonho. Agora é verdade.

Nas horas livres - Ler e escrever. Adoro escrever. Faço diário. Também gosto de jardinagem. Tenho um jardim no 8º andar. Ter a companhia dos pássaros me alegra a alma. Deixar o computador para ir olhar um broto a mais numa videira, é muito gostoso.

Educação - Uma das soluções para os grandes problemas da humanidade.

Projetos - Terminar um livro que estou escrevendo e atualizar o livro *A Ciência através dos tempos*, que já está em sua 14ª edição.

Unisinos - Um lugar que me dá orgulho em dizer que trabalho aqui.

IHU - Tenho uma fantástica admiração pela quantidade de atividades que o IHU promove. Impressiono-me como a equipe consegue fazer tudo isso. Espero nas tardes de segunda o *IHU On-Line*, um privilégio que o IHU nos dá.

INTERATIVO

Aniversários

11/12 Prof. Egon Fröhlich PPG Ciências Sociais Aplicadas	Fröhlich@poa.unisinos.br	Ramal 2180
---	--------------------------	------------

Cartas do Leitor

Prezados amigos,

Obrigado pelo e-mail e pelo boletim, que ficou muito bom. Se houver um link que possa incluir no meu site sobre Rawls, por favor deixe-me saber.
Atenciosamente

Nythamar de Oliveira, Ph.D. - Departamento de Filosofia, Pontifícia Universidade Católica

Muito obrigado pelo envio do material. Gostaria de continuar recebendo o boletim. Um abraço e Feliz Natal.

Luiz Síveres, professor da Universidade Católica de Brasília.

Sala de Leitura



"Minha leitura atual é *O que vale a pena: a sabedoria de quem realmente tem algo a dizer*, de Wendy Lustbader. Editora Alegro, São Paulo, 2002, 262 páginas. São 105 pequenos depoimentos, de uma página mais ou menos cada um, a uma especialista em envelhecimento. Veja as idades: um tem 40; um, 50; treze, 60; vinte e sete, 70; trinta e quatro, 80; vinte e seis, 90; três, mais de 100. São onze seções: viver bem, pessoas, tempo, espiritualidade, casamento, estar triste, trabalho, doença e fragilidade, boa conduta, arrependimento, vida avançada. Há fotos e comentários de um parágrafo. Autenticidade pura. Por esta obra, você passeia o seu coração tiritante por uma alameda de sol. De cá para lá, de lá para cá".

Prof. Dr. Lauro Dick, doutor em Lingüística e Letras e professor do Centro de Ciências da Comunicação.



"Estou lendo o livro *7 Homens e o Império que Construíram*, de Richard S. Tedlow. Editora Futura, 2002. O livro trata do contexto histórico e pessoal de sete empreendedores que mudaram a atividade econômica mundial nos séculos XIX e XX. São retratados desde Henry Ford e a criação dos mercados de massa, até um dos fundadores da Intel na área da informática. É uma leitura agradável, pois integra questões gerenciais com questões sócio-econômicas".

Prof. Dr. Ely Laureano Paiva, doutor e mestre em Administração, coordenador do Mestrado em Administração e professor do Centro de Ciências Econômicas.



"No momento, estou terminando a leitura de *Psicoanálise o análise deconstructivo*, de Marcelo Pasternac. México, Editorial Psicoanalítica de la Letra, 2000, 155 páginas. Este livro é uma das contribuições mais importantes para a relação entre Psicanálise e Desconstrução. Ele traça abismos e pontes entre a Psicanálise de Lacan e a filosofia de Derrida (1930). Para o autor, os psicanalistas não deveriam ser indiferentes a Derrida, mas é preciso saber incorporar suas contribuições e precisar seus limites; o que é feito com maestria no decorrer do livro".

Prof. Dr. Charles Elias Lang, doutor em Psicologia Clínica, mestre em Filosofia, graduado em Psicologia e professor do Centro de Ciências da Saúde.

EXPEDIENTE:

IHU On-Line é o boletim eletrônico semanal do Instituto Humanitas Unisinos da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos. **Coordenador:** Prof. Dr. Inácio Neutzling. **Coordenadora adjunta:** Profª Ms. Vera Regina Schmitz. **Redação:** Inácio Neutzling, Sonia Montañó e Graziela Wolfart. **Revisão:** Mardilê Friedrich Fabre. **Fone:** 5903333 ramal 1173 ou 1195. **E-mail:** lhuinfo@poa.unisinos.br



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS